

## **CARTOGRAFIA DO PROJETO: [<http://cartografiadoprojeto.blogspot.com/>], o blog da disciplina de Projeto da Faculdade de Arquitetura da UFRGS**

Eduardo Rocha<sup>1</sup>; Fernando Delfino de Freitas Fuão<sup>2</sup> (orientador)

### **Resumo**

Experiência didática com a utilização de um blog e metodologia cartográfica de projeto arquitetônico, durante o período de estágio docente na disciplina de Projeto de Arquitetura IV, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo da construção coletiva do blog é o de mapear os processos de construção dos exercícios de projeto realizados pelos educandos, postando pequenos vídeos e colagens a partir do método cartográfico. Como resultado obteve-se durante a experiência uma notável participação e interação entre alunos, professores e conteúdos propostos, comprovando que o blog é um dispositivo potencializador do pensamento com e sobre projetos de arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: cartografias sentimentais; interioridade da arquitetura; filosofia da diferença

### **Introdução**

Este relato de experiência foi realizado como estágio docente (pré-requisito para o grau de doutor, junto ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura/PROPAR/UFRGS) junto à disciplina de Projeto Arquitetônico IV, ministrada pelos professores Fernando Freitas Fuão (orientador) e Rufino Becker, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), durante o 1º e 2º semestres de 2008. A disciplina de Projeto de Arquitetura IV é composta por exercícios de projeto que promovem a compreensão e o domínio da arquitetura de interiores ou da interioridade da arquitetura. Fuão acredita que:

Se existe uma interioridade, uma interioridade das coisas, ela só pode estar mesmo fora, fora de si, quase ali no outro, só pode ser vento, ar *neuma*, sopro da criação. Ansiedade do ar, do lar. A interioridade é construída, paradoxalmente de fora para dentro, para constituir o dentro como atesta a construção da arquitetura. A interioridade lateja no outro (2008, p.4).

O objetivo da intervenção de estágio docente foi por sua vez, buscaram potencializar essas ferramentas com a criação coletiva de um blog [<http://cartografiadoprojeto.blogspot.com/>], algumas intervenções durante o processo de projeto e o acompanhamento integral da disciplina.

### **Metodologia**

Vamos cartografar o fazer projeto de arquitetura, vamos mapear, desenhar. É essa a proposta, entre eu e vocês, nós e vocês. Pensando uma arquitetura como produtora de subjetividade – na relação espaço-corpo –, sempre no (em) processo<sup>3</sup> de projeto.

---

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura (PROPAR/UFRGS), E-Mail: amigodudu@pop.com.br.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Arquitetura (UFRGS); E-Mail: f.fuao@terra.com.br.

<sup>3</sup> “Sempre que o catógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial” (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009, p. 56).

Cartografar os territórios<sup>4</sup> desse processo projetual, onde se expressa materialmente à crise existencial do ser humano. Território de desestabilização mental, social, meio ambiental, uma verdadeira crise eco-lógica<sup>5</sup>. São muitos atravessamento na vida cotidiana, que acaba por sofrer muitas trocas. Questões, como a crise da vida associativa e doméstica, na padronização da cultura e dos comportamentos, têm conseqüências diretas sobre os tempos e os espaços que nos desdobramos.

A vida diária, participante na produção de sentido, apresenta diversas características de acordo com o indivíduo ou grupo ao qual se associa, varia segundo a cultura, estrato socioeconômico, sexo, idade, e inclusive adquire diversas configurações em uma mesma pessoa, conforme o seu próprio desdobramento de tempo.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política ou como uma meditação (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 22).

Para nos aproximarmos da vida cotidiana, a noção de prática acaba por ser essencial. De Certau (2000, p. 34) acredita que prática da vida cotidiana possui uma peculiar criatividade para subverter as formas padronizadas de viver, as quais são impostas pela comunicação, publicidade, espaços geométricos e pelas instituições do desenho urbano na cidade.

Neste sentido, cada indivíduo, cada grupo de alunos possui formas específicas de produzir o seu espaço cotidiano, o qual se desenvolve e que, às vezes, condiciona essa mesma produção. As práticas não se sucedem na cidade, mas a cidade, por imposição, acaba por se suceder, se repetir como continuidade na urbanidade. Então, os espaços urbanos não podem ser simples telões de fundo. O espaço arquitetônico e urbano é um produto cultural, uma produção social derivada, por sua vez, de práticas sociais inseparáveis da dimensão cotidiana, e é nesse contexto onde se diluem e se subvertem qualquer controle e modulação preconcebida ou abstrata.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política ou como uma meditação (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 22).

Cartografar processos de projeto arquitetônico é um cartografar a contemporaneidade nas cidades e nas universidades. Cartografias urbanas<sup>6</sup> e sentimentais<sup>7</sup>. Uma reunião entre a geografia, a filosofia, a arquitetura, o urbanismo e as artes contemporâneas.

---

<sup>4</sup> Território segundo a filosofia de Deleuze, por certo compreende a idéia de espaço, mas não consiste na delimitação objetiva somente de um lugar geográfico. O valor do território é também existencial, ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos. O território distribui um fora e um dentro. O território é uma zona de experiência.

<sup>5</sup> No sentido definido por Félix Guattari, em que a crise ecológica não é meramente uma crise do meio ambiental, mas também, o social e o mental participam ativamente dela, “Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana.”. In: (GUATTARI, 1990, p. 27).

<sup>6</sup> As cartografias urbanas têm origem e se referem às seguintes “linhas de pensamento: a filosofia da diferença e o pós-estruturalismo, em especial proposto por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida e Michel de Certeau; as análises situacionistas propostas por Guy Debord e os Situacionistas; a análise polemológica das práticas proposta por Michel de Certeau; os processos levados a cabo por artistas visuais, imersos no chamado *giro etnográfico* das artes e diversos campos das artes visuais, a etnografia e os estudos culturais; e nas ferramentas visuais a partir da fotografia e das imagens filmicas”. In: (ROCHA, 2008, pp. 166-167).

Nada haver com o explicar, nem o revelar, o que são os interiores da arquitetura ou como devem ser, mas "entender", para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar, mas sim buscar intensidades, por todos os lugares, por todos os lados. Tudo que pede passagem, que quer falar. Nosso problema não é o do falso ou verdadeiro, nem do teórico ou empírico, mas sim na esteira de Rolnik (2006), o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. É a exploração invisível de um “queremos” é participar embarcar na constituição de territórios existenciais<sup>8</sup>, constituição de realidade. Queremos deixar nosso corpo vibrar todas as frequências possíveis e ficar inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização.

### **Conclusões, resultado e discussão**

Durante o período foram editados e postados no *blog* cerca de 50 vídeos experimentais, realizados pelos alunos da disciplina, textos e diversos comentários. Os processos de captação da imagem, edição e visualização acabaram por se mostrar como um grande auxiliar na projeção dos espaços de interior propostos pelos professores titulares da disciplina, buscando ressaltar os perceptos e afectos referentes a esse lugar do projeto. Destacando-se os seguintes resultados:

- aproximação entre professores, estagiário e alunos envolvidos na disciplina de projeto de arquitetura.
- o *blog* acabou criando mais um espaço de expressão e orientação do aluno.
- permitiu uma ampliação das reflexões sobre o trabalho dos professores e alunos, a partir de críticas ou elogios, postados no *blog*.

O blog, após quase dois anos passados da experiência, ainda recebe visitantes interessados nos vídeos postados e na experiência didática, divulgando o trabalho dos professores e alunos para os mais diversos espaços dentro e fora da Universidade.

### **Referências**

- CERTAU, M. d. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.(Vol. 1). São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G., & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FUÃO, F. F. *A interioridade da arquitetura*. Acesso em 2008, disponível em: <http://www.fernandofuao.arq.br>.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1990.
- KASTRUP, V., PASSOS, E., & ESCÓSSIA, L. d. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, E. Cartografias Urbanas. *Projectare*, 2, 162-172. Pelotas: UFPel, 2008
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

---

<sup>7</sup> Cartografar é um “envolver-se com a constituição de amálgamas de corpo-e-língua. Constituição de realidade. [...] Para realizar sua intenção o cartógrafo papa matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo”. In: (ROLNIK, 2006, pp. 231-232).

<sup>8</sup> “Habitar um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, é a colher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, eu e mundo”. In: (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009, pp. 149-150).